

Movimentos instituintes e o Ensino Superior: “As mudanças já estão em gestação”

Marcia Maria e Silva¹ (Editora Convidada)
Shirlei Barros do Canto² (Editora Convidada)
Rejany dos Santos Dominick
Walcéa Barreto Alves
Erika Souza Leme
Nazareth Salutto

Para Boaventura (2021), a pandemia descortinou a crise social planetária, além de agravá-la. O vírus da Covid-19 implantou maior insegurança nas relações interpessoais para os sujeitos não céticos e apresentou o perecimento pela circunstância, que passou a acometer anciãos, depois adultos, seguidos de jovens e até mesmo crianças e bebês. O medo foi instalado sem reconhecer sequer as fronteiras entre as nações. Importante: todo tipo de nação ou cidadão, incluindo nativos e imigrantes.

Uma pandemia é a distribuição geográfica de uma doença e não a sua gravidade, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS)³. Esta declarou, em 11 março de 2020, a pandemia da Covid-19. Desde 30 de janeiro de 2020, o surto do novo coronavírus foi reconhecido pela OMS como o sexto caso de Emergência de Saúde Pública Internacional (ESPII), depois da H1N1 em 2009, do poliovírus em 2014, do ebola na África Ocidental e na República democrática do Congo em 2014 e 2016 e do zika em 2016.

A gravidade da doença, no entanto, não foi menos preocupante que a sua rápida disseminação pelo planeta. A dinâmica da vida mudou radicalmente. Instaurou-se uma intensa luta coletiva por sobrevivência. Pesquisadores e profissionais de saúde do mundo inteiro protagonizaram a saga, orientando protocolos de prevenção, criando vacinas e enfrentando disputas entre os interesses específicos do capital. Minimizando-se o alto grau de letalidade da doença, em alguns países, trabalhadores foram levados às ruas sob a justificativa de garantia da estabilidade econômica e do suposto direito à liberdade de escolha. Alguns movimentos políticos e científicos defendiam o *lockdown*, ancorados nas pesquisas e nos ensinamentos acumulados na história das pandemias já ocorridas em diferentes partes do mundo. Desta perspectiva, as necessárias condições de proteção da

¹ Doutora em Educação, Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense – UFF, integrante do grupo Gestor do Observatório Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica (OIIIPe)/Associação Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica (AIIIPe).

² Doutoranda do Programa Interdisciplinar em Meio Ambiente, PPGMA-UERJ, Tutora das Disciplinas Pedagógicas do CEDERJ-UERJ. Pedagoga, Bacharel e Licenciada em Letras e Mestre em Ensino, pela UERJ. Integrante do grupo Filosofias, Lógicas e Escritas Acadêmico-Afetivas (FLORA) e do Observatório Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica (OIIIPe). E-mail: shirlei.canto@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7396-464X>.

³ Disponível em <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>.

vida a qualquer custo estariam sendo garantidas, por meio do isolamento físico (vulgo isolamento social), sob risco de aparecimento de novas cepas e novas ondas de contaminação.

A *web* passou a ser a principal via de interação humana. No mundo inteiro, pessoas com acesso à rede se conectaram, buscando informações sobre a doença e também sobre como continuar o fluxo de afetos, trabalho e estudos, de maneira remota. No campo da Educação, as instâncias de formulação de políticas educacionais se mobilizaram para encontrar caminhos que permitissem a continuidade dos processos de formação em todas as etapas de educação, alguns dos quais bastante questionados do ponto de vista das necessárias articulações para garantia de processos de decisão democráticos.

Este número da RevistAleph traz um recorte do quadro de acontecimentos a partir do olhar de integrantes e convidados do Observatório Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica (OIIIPe), uma rede internacional de professores, gestores, técnicos e pesquisadores⁴, que se constitui de profissionais de Instituições de Educação Superior, interessados no diálogo com os movimentos sociais, comunidades tradicionais e diferentes grupos guiados pelos princípios que orientam as ações do grupo. Os textos expressam de forma diversa os processos de reflexão e decisão em diferentes instâncias de atuação dos autores, ao longo de 2020, quando o conhecimento sobre a doença ainda era muito pouco em relação ao que se precisava saber sobre como trilhar caminhos mais seguros para a preservação da vida.

A produção deste número nasceu de um movimento coletivo, com um chamado aos integrantes do OIIIPe e a alguns convidados para um diálogo sobre os encaminhamentos adotados nas respectivas instituições durante a pandemia. O objetivo foi identificar e analisar as ações instituintes para o enfrentamento das dificuldades decorrentes da impossibilidade de realização das atividades presenciais e da exigência de que as aulas passassem a ocorrer preponderantemente, quando não totalmente, por canais de comunicação virtual.

Buscou-se conhecer as condições que orientaram as decisões para organização do ensino remoto, contribuir para o debate sobre virtualidade e educação na pandemia, considerando, para isso, suas bases teóricas, jurídicas, políticas, didático-metodológicas, emocionais, interpessoais e inclusivas.

Em agosto e setembro de 2020, 17 instituições de Educação Superior, integradas ao OIIIPe, compartilharam suas experiências em evento interno do Observatório que culminou na organização desta publicação.

A convite, o artigo *A escolha de sofia: motivações dos(as) estudantes da UFF na eleição da universidade e da graduação*, mostra resultados parciais de uma pesquisa intitulada “Condições objetivas e subjetivas de aprendizagem e letramento dos(as) estudantes da Universidade Federal Fluminense no ambiente de restrições sanitárias da pandemia de Covid-19”. O estudo teve o objetivo de identificar o perfil socioeconômico e

⁴ Integrantes do Observatório Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica (OIIIPe), em setembro de 2021, no âmbito do seu X Encontro (virtual), sediado pela Universidade Bio Bio do Chile, sob a coordenação do Prof. Juan Cornejo, decidiu, em assembleia, instituir-se como uma associação: AIIIPe.

cultural dos estudantes da graduação presencial da referida universidade, considerando aspectos estruturais da instituição e o que o perfil dos uffianos indicam como demanda para redimensionamento da estrutura acadêmica de modo a corresponder de maneira inclusiva às mudanças e à pluralidade existentes como potências nos espaços que norteiam o saber, o conhecimento, a ciência.

Em seguida, o trabalho *Ensino remoto no contexto da pandemia da covid-19: relato da experiência da Universidade de Cabo Verde* descreve a transição do ensino presencial para o remoto, as medidas de apoio aos estudantes e os desafios para apropriação de dinâmicas de educação a distância, até então, quase nulas nos cursos presenciais.

Da Região Sul do Brasil, destacam-se três artigos. O primeiro, *A formação docente para a educação infantil em tempos de pandemia*, na Universidade Federal do Paraná, trata dos desafios trazidos pela impossibilidade de inserção dos estudantes no campo presencial das práticas pedagógicas, no âmbito da disciplina Prática de Docência na Educação Infantil do curso de Pedagogia EaD. O segundo, *A experiência desafiadora do atendimento educacional especializado no ensino superior remoto*, da Universidade Federal de Pelotas, traz um relato do processo realizado pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão / Seção de Atendimento Educacional Especializado (NAI/SAEE) para inclusão de pessoas com deficiência, transtorno do espectro do autismo e altas habilidades/superdotação, durante o ensino remoto emergencial. Já o terceiro artigo, *A pandemia e as atividades remotas: impactos na formação e trabalho docente no mestrado acadêmico do Instituto Federal Catarinense (IFC)*, apresenta relatos de docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Educação do instituto relativos à sobrecarga de trabalho, ao adoecimento físico e psíquico, ao atraso nas pesquisas em andamento, à desmotivação e ao isolamento. Destaca também as potencialidades, até então não identificadas, no uso das plataformas educacionais *online*.

Da região Nordeste são apresentadas, em dois artigos, experiências de três Instituições de Educação Superior. *Política de inclusão para o ensino remoto: reflexões sobre a experiência da Universidade Estadual Vale do Acaraú no contexto da Covid-19* (UVA) apresenta reflexão sobre a gestão da política de inclusão para o ensino remoto na universidade, considerando também a importância da democratização das relações institucionais como princípio para garantia do acesso e da permanência dos discentes. *Ensino remoto em contexto de pandemia em duas universidades do Nordeste do Brasil: UFC e UERN* traz narrativas das experiências da Universidade Federal do Ceará (UFC) - na construção do Plano Participar e Incluir - no âmbito da Faculdade de Educação, em meio a tensões entre unidades acadêmicas e gestão superior. No mesmo artigo, lemos uma análise documental da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) e do processo de adesão ao ensino remoto com destaque para ações questionáveis da gestão superior no que diz respeito às condições desfavoráveis para o estudo e o trabalho remoto.

Três trabalhos da região Sudeste dão foco ao uso de tecnologias de comunicação digitais e suas interfaces no contexto do ensino. Da UNESP, *Tecnologias digitais - ação colaborativa em tempos de pandemia na formação de professores*, encontra-se, como desdobramento da oficina “Plataformas Interativas para o Ensino Remoto”, ofertada pelo

projeto “Colaboração Universidade – Escola Pública na construção de políticas, práticas e culturas mais inclusivas”. Da UFF, o artigo *Hipertexto audioimagético para uso na educação remota e presencial* mostra a criação e a funcionalidade de uma ferramenta lúdica, virtual e interativa, desenvolvida para a disciplina Biologia Evolutiva do Desenvolvimento, do Instituto de Biologia.

O texto *Necessárias negociações durante as aulas remotas na graduação e na pós-graduação da UERJ durante o período pandêmico* trata dos processos de resistência e redimensionamento do modelo educativo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro para adoção do ensino remoto. O entrelaçamento humanizado nas relações docente-discente, ambicionando práticas assertivas no uso remoto de tecnologias são pontos significativos do processo de reflexão e ação.

Ampliando o espectro para os povos originários da América Latina temos duas produções que abordam a formação de educadores indígenas. O artigo *La docência desde casa: exclusiones y alteridades em contexto, uma autoetnografia, Universidad Nacional Pedagógica*, traz reflexões sobre a perda do espaço presencial de socialização e produção de conhecimento, o acirramento das desigualdades provocadas pela pandemia no contexto da Licenciatura em Educação Indígena, na transição para o trabalho virtual em casa, além da constatação de que pouco se avançou nas formas de ensinar. Em *Licenciatura Intercultural Indígena: entrevista com o Pró-reitor do Instituto Federal da Bahia* historiciza-se a implantação e manutenção do curso, mostra-se o alcance geográfico no trabalho de formação de educadores indígenas do Sul da Bahia, discute-se a perspectiva metodológica, entre outros aspectos da luta política pela garantia de direitos das populações indígenas.

Por fim, a resenha do livro do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, *A Cruel Pedagogia do Vírus* (2020), amplia a compreensão sobre os sentidos da Covid-19. Crítico contundente das políticas neoliberais que desumanizam, acentuam a desigualdade social, massacrando grande parte da população global, o autor destaca ensinamentos da pandemia no século XXI. Aprender com o vírus seria algo impensável frente a toda evolução científica e tecnológica? A pedagogia do vírus surpreendeu os poderosos e abastados, contudo eclodiu de forma mais avassaladora nos lares dos mais pobres e miseráveis, obrigados a costumes deletérios. A obra expressa revolta. É um livro-convite à reflexão sobre a vulnerabilidade humana. O autor considera que, para sobreviver, é necessário confrontar a necropolítica e abraçar outras possibilidades, que priorizem a preservação do bios.

Em vários países, as instituições de educação estão voltando ao sistema presencial. No entanto, o vírus parece estar longe de ser superado. Segundo o Instituto Data Analytics, com base em dados coletados até 19 de novembro de 2021, o número de casos de Covid-19, no mundo, chegou a 258.276.402 acumulados, com notificação diária de 720.629 casos. Até então somaram-se 5.159.431 óbitos em números acumulados, e 8.563 por dia⁵. As últimas notícias são de que a Europa soma 60% dos novos casos mundiais e que teme uma quinta onda de contaminação.

Os textos deste número trazem uma oportunidade de visitar aprendizados, aprofundar teorias e reflexões sobre o que é preciso aperfeiçoar no âmbito da gestão e da

⁵ Disponível em <https://dadoscoronavirus.dasa.com.br>.



docência de modo a ampliar o acesso aos conhecimentos. Que os leitores se beneficiem deste acervo para conhecer mais do quadro da educação em diferentes IES no Brasil, na África e na América Latina e possam refletir sobre o que Boaventura Santos (2021) nos traz como um alerta: “O coronavírus alimenta a vertente pessimista da contemporaneidade, e isso deve ser tomado em conta no período imediatamente pós-pandêmico” (p. 45). Quando será esse período? Será um alerta para buscarmos uma perspectiva instituinte para o mundo?

Na busca por respostas, o ativista indígena Ailton Krenak (2020) contribui com seu posicionamento contundente:

Tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro. Depois disso tudo, as pessoas não vão querer disputar de novo o seu oxigênio com dezenas de colegas num espaço pequeno de trabalho. As mudanças já estão em gestação. Não faz sentido que, para trabalhar, uma mulher tenha de deixar os seus filhos com outra pessoa. Não podemos voltar àquele ritmo, ligar todos os carros, todas as máquinas ao mesmo tempo (p.09-10).

Boa leitura!!

Referências

KRENAK, A.. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

SANTOS, B. de S. **O futuro começa agora**: da pandemia à utopia. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.